**APÊNDICES**

**ENTREVISTA:** Prof. Dr. Ronaldo George Helal, professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Realizada em 05 de setembro de 2015, nas dependências da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

* *O que é jornalismo esportivo?*

Olha: jornalismo esportivo é Jornalismo. Talvez, o que poderia diferenciar de outras editorias de esporte é que (o que eu acho que) jornalismo esportivo, talvez junto com o jornalismo de cultura seriam editorias em que uma certa dimensão pelo gosto do objeto que está sendo informado é mais permitido, o que não é permitido por exemplo na seção de Política. Ainda assim, existe uma tendência muito forte, hoje em dia, de o Jornalismo esportivo se distanciar cada vez mais do seu objeto e procurar fazer um certo jornalismo mais investigativo. Mas, desde Mário Filho já havia essa ideia, essa permissão, de o jornalismo esportivo demonstrar um pouco mais a sua paixão pela atividade. Hoje, eu acho que isso vem diminuindo.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

O problema no Brasil, que tem praticamente uma monocultura esportiva, é que quando chegam os Jogos Olímpicos, os jornalistas que se “dizem esportivos”, não sabem o que comentar, porque eles são jornalistas de futebol e então as editorias de esporte contratam ex-jogadores (ex-atletas) desses esportes (modalidades) para comentar aquilo que o jornalista, “dito esportista” não consegue comentar. Então, praticamente, eu vejo isso, uma lacuna muito grande com relação a outro esporte que não seja futebol. Futebol, talvez depois vai ter basquete, o vôlei e daí você começa a contratar profissionais daqueles esportes, para poder comentar, para poder dar uma dimensão melhor, um entendimento, para os (tele) espectadores sobre aquele esporte.

* *Algumas considerações?*

Não.

**ENTREVISTA:** Prof. Dr. Manuel Carlos da Conceição Chaparro, professor colaborador da Universidade de São Paulo. Realizada em 05 de setembro de 2015, nas dependências da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (sessão de lançamento do livro “Jornalismo: linguagem dos conflitos”)

* *O que é jornalismo esportivo?*

Bem, eu sou um pouco contra rótulos: eu acho que não existe jornalismo esportivo, existe jornalismo aplicado ao esporte, porque o jornalismo é a linguagem social e cultural mais adequada para socializar os discursos onde há conflitos e o esporte é essencialmente, um ambiente de conflitos. Você não tem nada no esporte que não tenha a emoção do conflito. Então, o que é importante é você levar para o esporte o jornalismo, com todas as suas exigências éticas, técnicas e culturais, porque é isso que interessa ao esporte: usar e ter o que usar, uma linguagem confiável, e o jornalismo é, se for respeitado como linguagem, e ter também no esporte, um ambiente que seja um (ambiente do) espaço público dos conflitos. O jornalismo para o esporte é também o espaço público dos conflitos: as coisas acontecem não (apenas) no estádio. Acontecem à medida em que o jornalismo socializa os discursos do embate.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Bem, a pauta esportiva, tratando dos Jogos Olímpicos, como quase todas as pautas de hoje, é movimentada e estimulada pelos interessados nos jogos olímpicos: as fontes geram os conteúdos e a pauta dos jogos olímpicos, na minha opinião, ela precisa ser um pouco mais crítica, ser menos reprodutoras, embora não se deva rejeitar o discurso das fontes, porque as fontes são sujeitos do processo, são autores do conteúdo, dos fatos (do conteúdo), mas é preciso que (aquilo) o que as fontes dizem ao fazerem e o que as fontes fazem ao dizerem, seja colocado num contexto dos conflitos, dos confrontos, dos questionamentos. Então, o jornalismo tem a vocação que não pode (nunca) ser rejeitada, de produzir a discussão pública a partir dos fatos.

* *Algumas considerações?*

O seguinte: a linguagem é um componente essencial da natureza humana. Não existimos se não falarmos, não existimos se não interagirmos pela fala. A língua não existe se não for usada para interagir e agir. Não existe fora disso. Então, a linguagem é aquilo que faz parte da essência do ser humano e nós nunca dizemos nada à toa mesmo quando ficamos em silêncio. Então, a linguagem não está apenas no que é dito ou no que é escrito, mas também, naquilo que às vezes não é dito nem é escrito, mas que faz parte dos conteúdos pela significação. No caso do jornalismo, a faceta da linguagem que interessa ao jornalismo em todas as suas manifestações é a faceta performativa, isto é, o uso da língua para agir e interagir. Você, quando usa a língua no jornalismo, usa sempre, quer que seja o jornalista que produza a mensagem, ou que reproduza a mensagem de alguém, é sempre uma ação que se realiza; isto é, tem sempre a perspectiva de transformação. A perspectiva linguística, no campo da (ciência) pragmática. Pragmática é isso: é o estudo da linguagem, da língua como forma de agir e interagir. Se não fosse assim, para quê discutir ética, se quando falamos, não agimos nem interagimos.

Eu já fiz jornalismo esportivo e sou torcedor do Benfica e foi uma boa experiência, do jornalismo esportivo porque, ao contrário de algumas outras áreas onde o jornalismo é usado, o esporte é um ambiente de fatos e atos e falas intensamente emotivos. Você sempre está participando quando escreve ou quando faz alguma coisa na área do esporte, você sempre está participando de um ambiente muito amplo e emocional, por causa do conflito.

**ENTREVISTA:** Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra, professor associado da Universidade Federal de Juiz de Fora. Realizada em 05 de setembro de 2015, nas dependências da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

* *O que é jornalismo esportivo?*

Jornalismo esportivo é uma atividade, uma editoria dentro do jornalismo, que tem a sua história marcada, primeiro, por um preconceito envolvendo a atividade, como se fosse uma atividade menor e que, aos poucos, foi se consolidando como um espaço cada vez mais legítimo e importante da prática de todas as teorias de Comunicação, com elemento, um componente diferencial, que nós lidamos com a paixão, lidamos com a emoção. E, por conta de lidarmos com emoção e com paixão, o jornalismo esportivo ganha um impacto e uma projeção muito maior no público do que qualquer outra editoria, porque você mexe com aqueles que torcem a favor e torcem contra e, por conta disso, isso acaba causando sempre um impacto maior. Então, eu acho que o jornalismo esportivo é, acima de tudo, o exercício profissional feito com paixão.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Alguns bons trabalhos que estão sendo feito inicialmente, já criando um ambiente para as olimpíadas; percebo, por exemplo, a emissora oficial, que é a Rede Globo, fazendo já nos seus telejornais vários retrospectos históricos, trabalhando com atletas, familiarizando o público com algumas modalidades esportivas; eu mesmo, em Juiz de Fora, tenho um grupo de pesquisa, onde estamos fazendo um trabalho com alunos: nós montamos um *site* onde nós temos a oportunidade (nesse *site*) de oferecer ferramentas aos jornalistas e estudantes de Comunicação que estejam interessados na cobertura das olimpíadas, para conhecerem a linguagem de esportes que nós normalmente não estamos habituados a acompanhar. Então, eu acho que nesse momento, o jornalismo esportivo está fazendo, inclusive, uma pauta interessante que é de educar o público brasileiro para uma competição.

* *Algumas considerações?*

A consideração que eu tenho a fazer (já que você está estudando o jornalismo esportivo), é que eu acho que estamos saindo de uma crise que não é uma crise só do jornalismo esportivo, é uma crise do jornalismo em geral, que é uma fragilidade na apuração. Então, nós precisamos trabalhar um pouco mais isso, porque a gente tem verificado especialmente os companheiros que fazem o jornalismo político, tem sido lamentável a conduta deles, sem ouvir dois lados, fazendo um jornalismo acusatório, sem fundamentos, sem bases. Então, eu acho que nós estamos precisando apurar mais. Quando eu vejo um jogador como o Fred, no ano passado (2014) terminar o Campeonato Brasileiro revelando à imprensa que o Fluminense estava devendo direitos de imagem e salários a ele, eu pergunto “e os jornalistas que cobriam o Fluminense... nenhum deles sabia disso”?

Quando eu vejo alguém falar assim: o Ronaldinho Gaúcho foi contratado pelo Fluminense e eu pergunto, “que tipo de apuração que foi feita para saber se ele estava em condições ou não e agora, de repente ele não joga, quase...”. Eu hoje (05/09/2015) vim com o táxi para cá (UFRJ) e o taxista falou comigo que o amigo dele, que fornece cerveja para as festas do Ronaldinho, mandou 20 caixas para a casa dele hoje e amanhã tem Flá-Flu (Flamengo x Fluminense). Se o taxista sabe e eu estou sabendo e, provavelmente muita gente sabe, por que a imprensa não sabe? Por que ela não divulga; que comprometimento que ela tem com isso? Eu acho que é isso que precisa ser avaliado.

**ENTREVISTA:** Prof. Dr. José Carlos Marques, professor da Universidade do Estado de São Paulo. Realizada em 05 de setembro de 2015, nas dependências da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

* *O que é jornalismo esportivo?*

Bom, eu queria começar dizendo que não me agrada essa definição de jornalismo esportivo, porque essa qualificação parece que diz que o jornalismo pratica esporte... eu prefiro (estabelecer) uma iluminação mais apropriada, a meu ver, seria jornalismo sobre esporte, sobre o fato esportivo, que eu acho que me agrada mais. Como é que eu definiria? É o jornalismo que se debruça sobre acontecimentos esportivos, especialmente o esporte de alta competição, de alto rendimento, o esporte competitivo. O jornalismo esportivo quase sempre, quase (que única e exclusivamente) vai se debruçar sobre o fato esportivo ligado a esses eventos do futebol (esporte) profissional.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Eu diria que, sob alguns aspectos, não está sendo desenvolvida. Mas o esforço que eu tenho notado é o da emissora que detém os direitos da transmissão, a TV Globo, de estar realizando várias reportagens didáticas para mostrar como são algumas modalidades esportivas, quais são as regras, quais são as características daquela(s) modalidade(s), obviamente, porque ela está preocupada em poder didatizar o seu público, tendo em vista as competições que vão acontecer, no ano que vem (2016), no Rio de Janeiro.

* *Algumas considerações?*

Eu acho que esse esforço, por exemplo, que a TV Globo tem feito é capaz que o meio impresso comece a realizar, talvez, no ano da própria olimpíada, a partir do segundo trimestre de 2016, é capaz que isso aconteça com mais frequência.

**ENTREVISTA:** Prof. Dr. Ary Rocco Junior, professor da Universidade de São Paulo. Realizada em 06 de setembro de 2015, nas dependências da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

* *O que é jornalismo esportivo?*

Jornalismo esportivo é uma especialização do jornalismo que especificamente trata ou deveria tratar de todas aquelas pautas relacionadas ao universo do esporte: prática esportiva, fomento ao esporte, megaeventos esportivos, competições esportivas, o atleta, o treinador; ou seja, todo aquele universo que efetivamente é responsável pelas modalidades esportivas e pelas competições esportivas em nível local, nacional, internacional e fomento do esporte

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Então... no momento, agora, há mais ou menos, a cerca de um ano dos jogos olímpicos, a pauta ainda está muito restrita à questão do legado dos jogos, o que é que os jogos vão deixar como legado e também, a preparação da cidade do Rio de Janeiro para os eventos, ou seja, qual a infraestrutura que o Rio (de Janeiro) está construindo para depois oferecer para os competidores. Então, a pauta do esporte, paradoxalmente, ela está muito mais voltada para a infraestrutura e discussão de legado... e a gente tem deixado de lado um pouco a (pauta de) preparação das equipes esportivas, a preparação das diversas equipes do Brasil para a competição. Então, diria que nesse momento, a pauta esportiva está num segundo plano e o primeiro plano está a questão do legado e as questões políticas e sociais. Imagino que, com a aproximação dos Jogos Olímpicos e com as obras, os ginásios e as instalações começando a ficar de pé, essa pauta deva se deslocar um pouco mais da questão do legado para a questão da preparação das equipes brasileiras, das diferentes modalidades para a disputa dos jogos.

* *Algumas considerações?*

Não, a princípio... eu só espero e torço imensamente para que a cobertura, a pauta esportiva procure se centrar nos aspectos esportivos, mesmo: nas competições, na disputa entre os atletas, no legado esportivo que se pretende, com o aumento do número de pessoas praticando esportes e menos em fofocas, em celebridades, nas controversas políticas, etc e tal. Esse é o meu desejo, muito embora eu acho difícil ele acontecer.

**ENTREVISTA:** Prof. Dr. Anderson Gurgel Campos, professor da Universidade Mackenzie. Realizada em 06 de setembro de 2015, nas dependências da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

* *O que é jornalismo esportivo?*

Essa é uma das perguntas mais complicadas, quando estudamos comunicação e esporte no Brasil, porque há um confronto entre alguns teóricos que já estudam o assunto e o que temos cotidianamente na mídia. Se tivermos aquilo que vemos nos jornais, nas revistas, na TV – como sendo “jornalismo esportivo” – vamos achar que, praticamente é futebol e um pouquinho de automobilismo, um pouquinho de vôlei, basquete... e quase isso, e de vez em quando aparece um tal de Gabriel Medina, uma Daiane dos Santos. Então, temos um problema na maneira como a mídia esportiva mostra o esporte. A mídia, o jornalismo esportivo, como se apresenta o esporte – esse é o primeiro ponto. Por outro lado, a teoria que falar desse assunto, vai nos dizer que jornalismo esportivo é, a princípio, tem a ver com todo um campo que envolve questões do esporte que tem valor-notícia, que sejam objetos jornalísticos, que interessam ao público, que o jornalismo fará seu papel, como uma instância que vai organizar e levar informações para esse público. Quer dizer, temos a ideia de que qualquer tema dentro desse universo esportivo que interessa a um público pode ser objeto do jornalismo esportivo e, por outro lado, o jornalismo esportivo feito na mídia, que é sempre voltado para o alto rendimento, abordando o futebol e um pouquinho de outras coisas. Então, esse é o problema: eu sou o defensor da ideia de que precisamos repensar o conceito de jornalismo esportivo, cada vez mais promovendo, efetivamente, um jornalismo que fale do esporte de uma forma total: mostra o esporte profissional, obviamente, (de alto rendimento), mas também mostra o amador, o universitário, o esporte que inclui, o esporte que trabalha com a terceira idade, com as crianças, o esporte na educação e é essa a militância que venho desenvolvendo.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Bastante claudicante, vamos dizer assim, usando uma palavra apropriada.... Vem sendo desenvolvida de uma maneira que eu acho que mostra a nossa dificuldade, enquanto um país que vai ser sede de uma olimpíada, mas que não é potência olímpica. Então, temos uma cultura futebolística e a causa da olimpíada não se mostra de igual força. Assim, tem esse problema que, agora que o evento se aproxima, vai aparecer mais, só que enquanto tinha uma Copa do Mundo (em 2014) no cenário, a olimpíada praticamente não existia. Mas, efetivamente, em primeiro lugar, há uma contaminação do futebol: o filtro do futebol para olhar para outras coisas, para comparação, para tentar entender os esportes... o brasileiro tem uma tendência natural para o futebol e, praticamente, todos os outros esportes (modalidades) são todos olhados a partir desta janela, daí alguns são mais estranhos, mais exóticos, outros são mais familiarizáveis, ou próximos por causa disso. Então, há um desafio muito grande, quando falamos sobre como pensar o jornalismo esportivo – amplo, total – que possa mostrar o esporte de uma maneira mais abrangente, passa por promover a cultura olímpica de outro modo, e não focado somente em uma visão de resultado, porque o Brasil, por muito tempo, foi o país do futebol e então haviam resultados e, consequentemente, só interessam os esportes em que o Brasil aparece bem e aí não se promove uma cultura na qual, às vezes, você tem que começar um processo. Então, se não há uma tradição em determinado esporte, é preciso um tempo, é necessário participar, ter contato com o(s) atleta(s) melhores que você – e para um país que valoriza excessivamente a vitória, isso é muito difícil. Então, tem uma série de questões do conceito de olimpíada, que precisam ser melhor trabalhados para que o jornalismo esportivo brasileiro faça realmente um jornalismo olímpico de qualidade.

* *Algumas considerações?*

Sim, os megaeventos: esse, acho que é um assunto importante, porque é um assunto escorregadio – por um lado, o megaevento é uma oportunidade até, por exemplo, democratizar os assuntos ligados à olimpíada, mas por outro, ele traz uma dificuldade, porque o megaevento tem uma vocação para o consumo, para o espetáculo e às vezes, por exemplo, tem uma Copa, como aconteceu no Brasil e pouco se promoveu o futebol, de uma maneira ampla, investindo em escolinhas e democratizando, criando mais perspectiva de sociologia esportiva. Então, acaba, que o megaevento fica como uma festa e aqueles agentes de sempre ganham muito dinheiro e o país fica com arenas (instalações) ociosas e pouco se investia na cultura esportiva. Eu acho que esse é o problema do megaevento: já se errou muito na Copa e sempre esperamos que a disseminação de conhecimento e uma postura dos agentes e pesquisadores da área de esportes de comunicação contribuam para que na olimpíada possamos errar menos e tenhamos um legado maior.

**ENTREVISTA:** Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes, professor da Universidade de Sorocaba. Realizada em 26 de outubro de 2015, nas dependências do prédio 14

* *O que é jornalismo esportivo?*

Pergunta difícil... vamos lá: jornalismo esportivo, do meu ponto de vista, é aquilo que de uma forma geral é dito sobre o esporte nos mais diversos veículos e meios de comunicação. Se pegarmos o que está na chamada grande imprensa, hoje em dia, jornalismo esportivo é basicamente futebol, porque basicamente é aquilo que tem visibilidade nos meios de comunicação. Uma outra questão é aquilo que, na minha opinião, deveria ser o jornalismo esportivo. Já que ele é futebol e basicamente se configura como espaço de entretenimento e lazer. Evidentemente, do meu ponto de vista, seria interessante ocorrer uma diversificação e mais do que isso, houvesse algo além da politização, porque a própria despolitização é uma forma de politização – mas seria interessante configurar esse espaço, não só da leveza, do entretenimento, mas configurar esse espaço de tal modo para que ele seja utilizado para que possamos pensar os significados e as funções sociais do esporte na sociedade contemporânea.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Olha... (a pauta olímpica) não é meu objeto de estudo, mas assim, como um leitor que gosta de ler (as seções de) esportes, me parece que a mídia, de uma forma geral, vem retratando as olimpíadas como retrata os outros campos sociais, como a política... ou seja, ela retrata de forma espetacularizada sem trazer reflexões mais aprofundadas acerca, por exemplo, do próprio papel e significado das olimpíadas. Isso, me parece, que não é colocado em pauta, que não é discutido nos meios de comunicação, pelo menos na chamada grande imprensa. Então, basicamente, me parece que é isso.

* *Algumas considerações?*

Se eu fosse reforçar um pouco o que eu disse, o jornalismo esportivo é um espaço, monocultural, aborda um único esporte e além disso, ele aborda o espaço da leveza, de construção do lazer, do entretenimento e isso tem efeitos políticos, entre outras coisas, me parece que esse tipo de configuração no atual contexto, serve a grupos dominantes; por exemplo, quando não há problematização: em um programa esportivo qualquer, de alguma forma, dá uma enorme visibilidade a coisas pequenas do futebol, como alguma fofoca (especulação) sobre uma possível contratação e esse espaço sendo usado única e exclusivamente para isso.

**ENTREVISTA:** Eva Regina Freitas, jornalista e apresentadora das emissoras de Rádio e TV Educativa (Campo Grande - MS). Realizada em 05 de novembro de 2015, nas dependências do Palácio das Comunicações (Prefeitura de Campo Grande)

* *O que é jornalismo esportivo?*

Olha... eu acho que quando se fala em esporte, para mim, é algo que vem desde (quando eu era) pequena: sempre gostei do esporte, sempre vivi o esporte, tanto que, na escola eu gostava de participar de campeonatos, sempre joguei vôlei, handebol e na minha época, tinha queimada e até campeonato de queimada na escola... isso era muito bacana... eu tenho três irmãos mais velhos e sempre assistia todos os jogos com eles, futebol, vôlei. Então, eu acho que é uma coisa que veio de família e quando optei pelo (a profissão de) jornalismo, eu não tive dúvida: eu queria o jornalismo esportivo e, apesar de ser complicado, por ser mulher, quando eu comecei existia isso (estigma): a pessoa já olhar de uma forma diferente, porque você quer fazer o esporte: “e essa menina no meio de todo mundo, será que entende mesmo? ”, então você sentia um certo receio, mas pelo fato de ser mulher, precisa provar (o valor profissional) mas sempre digo uma coisa: (no jornalismo esportivo) a mulher não pode errar. Se o homem errar, tranquilo... agora, quando a mulher errou, no outro dia vai ser o comentário geral. Então, eu acho que isso já pesa mais, é uma responsabilidade a mais, mas isso eu vejo como uma coisa boa: porque preciso me esforçar mais... para fazer o (cobertura de) esporte tem que gostar... não tem jeito. Eu assisto, se eu não estivesse trabalhando no jornalismo esportivo estaria acompanhando do mesmo jeito que acompanho hoje. Então, você vai atrás de notícias, você quer saber, quer ficar bem informado, o que está acontecendo. O que existe também são muitos jornalistas, por exemplo, aqui em Campo Grande, que não fazem o esporte, fazem o futebol. Eu não... me interesso por todas, ou melhor, são várias as modalidades esportivas. Então, no meu dia a dia, eu busco sempre. Gosto do futebol, sempre fui apaixonada pelo futebol, mas acima de tudo, sou apaixonada pelo esporte. Eu gosto de acompanhar o máximo que eu puder, mas, é lógico: ninguém sabe tudo de tudo. Quando faço uma matéria sobre determinada modalidade e alguma coisa (prática esportiva) que está começando eu sempre vou perguntar... e uma coisa que sempre falo: “pergunte, não tenha vergonha de perguntar, porque ninguém nasceu sabendo”. Então, em um esporte novo, “como funciona?”, “como é que marca ponto?”, “quais são os principais lances?”; precisa perguntar... se não sei, eu vou perguntar mesmo. Eu acho que (assim) você está vivendo o esporte, fazendo o que gosta, é muito mais legal. No (jornalismo de) esporte, você pode criar, você pode inventar... principalmente na TV... porque o esporte dá mais liberdade, de ser criativa, de sair daquele (formato) fechadinho de jornal: da matéria, *off*, passagem, sonora... você pode fazer diferente, como gravar uma abertura, pode fazer uma brincadeirinha... mas deve caprichar na edição – acho que a edição é tudo – quando você tem um trabalho bem produzido: uma reportagem bem feita com uma boa edição aí é excelente. É um trabalho em equipe: precisa estar bem sintonizada, por exemplo, quando eu saio, eu já sei, olho para o cinegrafista, ele já sabe e também me dão ideias: “você poderia fazer isso...”, “você poderia fazer aquilo...”. Você precisa trocar ideias, daí eu digo: a reportagem é um trabalho que se faz em equipe, você deve sempre estar em sintonia um com o outro: “quero uma imagem de sol quente”, não adianta pedir uma imagem qualquer de sol sem ter falado antes com o cinegrafista... poder falar o que eu quero e também ouvir(-lo), isso é muito bacana, porque muitas vezes, eles tem muitas ideias boas e a equipe tem ideias bacanas... se você ficar fechado em seu mundo, você acaba fazendo aquela coisa (trivial), aquele “arroz com feijão”. Por exemplo, em uma partida de futebol você não vai falar (na reportagem de campo) que “no primeiro tempo aconteceu um lance...”, vamos tentar fazer uma brincadeirinha: vamos pegar o público, o pai do jogador que estava ali e tentar ouvir alguma coisa ou então, vamos ouvir a vida do árbitro ou da pessoa que dirige a maca... tentar ver outros lados e tentar humanizar também e não ficar presa a um assunto... você abranger várias pautas que podem surgir dentro daquela reportagem que você foi fazer.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Eu acho que para quem começa vivendo... quem faz o jornalismo esportivo, já começa a falar em olimpíada muito antes... terminou uma e a próxima (2016) vai ser no Brasil, já começamos a pensar em como vai ser... Eu gosto muito das categorias de base: gosto muito de saber como os nossos atletas estão. Aqui em Mato Grosso do Sul temos um judô forte, uma das coisas que eu gosto de dizer, porque tudo começou na base, um trabalho que começou há muitos anos. Então, isso é bacana de você acompanhar como está a nossa base não só no judô, em várias modalidades... saber como está. Então eu acho que você começa um bom trabalho por aí, ainda mais com uma Olimpíada vindo para o Brasil. Daí, tentamos buscar não só o lado do atleta, mas “como é que está a expectativa?”, “quem vai assistir?”, “como é que fica?”. Isso incentiva muito o esporte e percebemos que toda vez quando, principalmente, o Brasil consegue bons resultados. Então você vai lá (entre) as crianças, adolescentes e (isso) incentiva bastante a prática esportiva e sabemos que, não só o(s) atleta(s) de alto rendimento, mas também tem o esporte como lazer e sabemos os benefícios que isso traz para a saúde. Então, é muito importante esse incentivo ao esporte. Começamos a trabalhar a Olimpíada assim, eu acho, vendo como ela movimenta todo o país: é no Rio (de Janeiro), mas vai respingar uma coisa para cá, por exemplo, alguém vem para o Rio (de Janeiro) mas vai querer conhecer Bonito, vai querer conhecer o pantanal (sul-mato-grossense)... então alguma coisa vai movimentar também e são inúmeros os benefícios: é o incentivo ao esporte, a economia do país. Percebendo esses benefícios, fico muito feliz, orgulhosa de ver crianças, de ver bons resultados nas categorias de base... sou apaixonada pelas categorias de base, porque é o futuro do nosso esporte que está em jogo.

* *Algumas considerações?*

Eu acho muito bacana o esporte aqui em Mato Grosso do Sul: o rúgbi, o futebol americano, como tem crescido... aqui temos uma equipe de futebol americano que foi disputar um campeonato paulista como convidada e chegou em uma final, perdeu a final. Então é importante dar outras opções de esportes também, porque muitas pessoas nem sabem que tem (aqui); acham que devem ir para os Estados Unidos para ver uma competição de futebol americano, mas não! Tem aqui, eles jogam aqui (Campo Grande) também! Então, são várias modalidades... é um desafio: a primeira vez que fui cobrir futebol americano, eu não entendia nada. Eu fui lá e assim vai perguntando “como é que funciona?”, “como é que são os pontos?”. O rúgbi também, achei bem bacana, eu pergunto bastante e eu acho que o jornalismo é isso. Também deve pensar bem do outro lado, quem é o nosso ouvinte, tanto no rádio como na TV, porque às vezes, vou fazer uma pergunta que eu já sei a resposta, mas eu vou perguntar porque o telespectador está em dúvida, então não posso pensar em mim... eu tenho que pensar naquela pessoa que está ouvindo, naquela pessoa que está assistindo, explicar o máximo que eu puder. Na TV é mais fácil por causa da imagem, então quando eu falo de fazer o *touchdown*, quer dizer, mostrar como que ocorre o *touchdown*, que é o ponto máximo (no futebol americano); e aí na (emissora de) rádio, você deve explicar um pouco mais, mas tem que explicar, porque você quer deixar o ouvinte informado e não ficar com aquela dúvida “o que a pessoa falou com isso?, o que quis dizer com isso?”. Então, o máximo que você puder explicar... é lógico, não vai dar para ficar com uma entrevista de três horas... mas dá para você resumir e explicar direitinho como funciona e eu acho que talvez a mulher pergunta mais, eu tenho essa impressão, por ser jornalista, a mulher, às vezes, não tem vergonha de ir perguntar; ela vai e pergunta mais... às vezes, o homem tem um certo receio de que “eu sei... tenho que saber de tudo”.... e o que eu falei: pesa um pouquinho mais, ela não pode errar... principalmente no rádio, quando eu estou fazendo uma reportagem de campo, sou a única mulher (da equipe) e acredito que sejam poucas as mulheres (repórteres) no país. Apesar de ter que provar muita coisa, mas hoje (a questão profissional) está mais consolidado: as pessoas já veem melhor, não com o mesmo olhar de “essa menina no meio de toda a galera”. É um trabalho que eu gosto muito e esporte é assim: você trabalha com o que você gosta e aí sempre vai fazer bem feitinho e vai sempre se interessar, querer estudar, estar se atualizando... eu fiz minha pós-graduação em Jornalismo Esportivo. Não quero parar por aqui, também quero fazer cursos de atualização... não só para o Jornalismo, mas em todas as áreas é importante... estar sempre se atualizando, sempre buscando novos conhecimentos.

**ENTREVISTA:** Prof. João Jair Sartorelo, professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Realizada em 05 de novembro de 2015, nas dependências do estádio Pedro Pedrossian (Morenão), campus Campo Grande.

* *O que é jornalismo esportivo?*

O jornalismo esportivo, hoje, é o que atrai toda a mídia nacional, em razão da Copa do Mundo no ano passado (2014) e da olimpíada que será no ano que vem (2016), e é uma matéria de interesse nacional: ela envolve todos os setores da sociedade brasileira – desde o mais pobre ao mais rico, o mais influente ao menos influente. O desafio da mídia para cobrir um evento olímpico deve ter um caráter idôneo, não pode ser levado por emoções e deve ter um senso crítico: ele não pode simplesmente criticar por criticar, ele deve apresentar os motivos das críticas e também dos elogios. No momento, há uma confusão: existem pessoas que fazem uma análise diferenciada entre esporte, desporto e atividade física... o importante é o ser humano se movimentar, praticar qualquer tipo de atividade. (As instalações do) Morenão é um estádio antigo, que foi construído na década de (19)70, quando não existiam as exigências de acessibilidade, nem as exigências do corpo de bombeiros... então, hoje, ele é um estádio ultrapassado e que, para se adequar e realizar grandes eventos esportivos, é necessário oferecer as condições de segurança, de acessibilidade, de conforto ao público e aos jogadores, coisas que ele não possui. A nível local, o estádio é de excelentes condições, para o nível do futebol no Estado (de Mato Grosso do Sul), mas para abrigar jogos de nível nacional, ele hoje não tem as totais condições para proporcionar um bom espetáculo para os jogadores e para o público. Em Campo Grande, não existe um planejamento para daqui há alguns anos. O que existem são pessoas que tem interesse em fazer alguma coisa planejada mas obtém não tem apoio de nada. É o atleta autodidata, ou pai do atleta ou é algum benfeitor que aparece para auxiliar essas pessoas, mas que não tem condições de levar um projeto grande para frente.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

A mídia, como eu disse no início, ela é levada por emoções: tem pessoas que se empolgam, tem pessoas que não se manifestam e eu acho que está tudo errado, mas se vai dar errado e não deixar legado nenhum... acontece que todo evento esportivo sempre deixa um legado: seja bom ou ruim, mas deixa um legado. Hoje há um trabalho da grande imprensa para os jogos olímpicos de 2016: há uma preocupação muito grande com a segurança, com as condições dos locais dos jogos e com a qualidade dos serviços prestados. Eu acompanho diariamente o noticiário nacional e vejo com satisfação essas informações hoje (novembro de 2015) são manifestadas na imprensa nacional.

* *Algumas considerações?*

Planejamento: até mesmo na Academia (UFMS), em termos de gestão e execução, tudo que não é planejado acaba em fracasso. Isso implica que a preparação deve ser feita com muito tempo de antecedência, anterior ao evento, não em cima ou próximo dele, para que não tenhamos decepções no momento da competição.

**ENTREVISTA:** Arthur Mário Medeiros Ramalho, jornalista e radialista da Rádio Cultura AM 680. Realizada em 25 de novembro de 2015, nas dependências da emissora.

* *O que é jornalismo esportivo?*

Bom dia! É um prazer imenso recebê-lo aqui na Rádio Cultura de Campo Grande (MS). Olha, na minha visão, o Jornalismo Esportivo, ele é, dentro de todas as editorias, primeiramente... diria que seria uma grande escola. Eu acompanho alguns casos de grandes profissionais que inclusive migraram: tiveram início de sua carreira profissional no esporte e depois partiram para outras editorias. São muitos e muitos *cases* do jornalismo brasileiro, seja no rádio, seja na televisão ou até mesmo no impresso: o Faustão (Fausto Silva) é um caso; eu era menino, no interior do estado (MS) e, na despedida do Pelé, eu guardei as matérias (3 páginas) do jornal O Estado de S. Paulo; eu era *office boy* e queria o Estadão que chegava dois dias atrasados em minha cidade, Nova Andradina, aqui no interior do estado (MS). Quem lia o jornal primeiro não era o chefe... era eu, de bicicleta... e eu guardei a (matéria) “Despedida do Pelé” e aí, depois, adulto, já em Campo Grande, aí olhando a assinatura, quem é que foi o repórter que cobriu para o Estadão a despedida do Pelé pelo Santos, no jogo contra a Ponte Preta? Na matéria assinada: Fausto Silva, um cara que está hoje na televisão. Depois eu conheço o trabalho do Fausto com o Osmar Santos, que é uma das grandes referências para mim; ele com o Osmar na Jovem Pan (AM 620 - São Paulo), depois Rádio Globo de São Paulo (AM 1100) e Excelsior (AM 780 - São Paulo, atual CBN); ou seja, o rádio – jornalismo esportivo, no meu ponto de vista, o Jornalismo Esportivo no Rádio, ele é um verdadeiro caça-talentos para o jornalismo brasileiro... quantos jovens iniciaram no rádio esportivo, inicialmente, pela paixão; aquele mundo bacana... de ouvir grandes emissoras em uma cidade do interior e se sentiram atraídos para o Jornalismo Esportivo: às vezes a vaidade falando, às vezes a paixão falando... e, na verdade, essa grande escola de Jornalismo, que é o Rádio Esportivo, ela tem muitos e muitos casos que você pode verificar na Grande São Paulo – vamos pegar (o estado de) São Paulo como referência, que é a cidade com que nós, do Mato Grosso do Sul, temos uma ligação muito forte, como referência e como escola. Então, o jornalismo esportivo, além de ser essa grande escola, ele também é o espaço de muita realização humana: eu que, jamais imaginei, por exemplo, que pudesse viajar o mundo. Eu viajei o mundo e tive oportunidade de acumular tanto conhecimento, tanta informação nova nas viagens, carimbando (meu) passaporte (pelo) mundo afora, que, se eu estivesse em outra área da Comunicação, certamente, eu não teria tido essa oportunidade de conhecer várias e várias culturas – América do Sul, Europa, Ásia. Então, há essa outra característica e, o jornalismo esportivo, ele dá uma bagagem diferenciada: eu passei por redação de jornal em um período muito curto, com outros colegas de redação e enfim, até hoje, com mais de trinta anos de (experiência em) rádio. Hoje, por exemplo, além do esporte, eu apresento um programa matutino, o programa principal do jornalismo da rádio (Cultura AM 680), das 6:50 às 8:30 (horas) da manhã, que é o programa RC 360, uma equipe de pelo menos, quatro pessoas, às vezes cinco pessoas. O jornalismo esportivo me deu uma capacidade de improvisação, de análise, de conjuntura, enfim, imenso! Às vezes, quando há a necessidade, além de dar a notícia, de checar bem a fonte, de ir na agilidade do rádio... naquela velocidade, da necessidade... como agora pela manhã (25/11/2015), dar a informação da prisão do empresário José Carlos Bumlai, que teve negócios no Mato Grosso do Sul e acabou de ser preso pela operação Lava a Jato (da Polícia Federal) em um hotel em Brasília – toda a improvisação do rádio esportivo (foi útil) além de dar a notícia, enfim, de improviso, sem texto, sem *notebook* na mão... a agilidade de memória, com dados, com informações, que (a experiência com) aquele jornalismo esportivo, da velocidade, do texto leve e enxuto, enfim, (me) permite. Então, o jornalismo esportivo, para mim, além da realização humana, é a verdadeira escola do repórter esportivo que eu fui, do narrador esportivo que eu sou, nos dias de hoje, me permite até por informação de outros colegas e eu, que em alguns momentos fiz televisão e, essa possibilidade que o jornalismo esportivo me deu, quando fiz televisão, em períodos curtos, até porque meus diretores de televisão sempre, após a apresentações, debates; teceram alguns comentários, alguns elogios pela *performance*, pela desenvoltura... Então, o Jornalismo Esportivo, ele é, acho que, diferente de tudo de uma redação: os setoristas da polícia, os setoristas da política, do meio-ambiente, de cidades do interior; e um outro aspecto do jornalismo esportivo: quando você pode mostrar ao seu público – ouvinte, leitor, telespectador – o esporte mexe com o ser humano nas suas emoções, na sua possibilidade imensa do sentir, não só pelo time que torce, mas pelas histórias maravilhosas que você pode contar dentro do mundo do esporte; sejam dirigentes, sejam atletas, enfim, através das regras dos esportes, das modalidades esportivas, você trabalhando bem, focar na questão educação, principalmente, do jovem, do adolescente, porque o esporte educa... qualquer modalidade esportiva educa... afora, essa violência imensa que a (Rede) Globo coloca no ar aqui no Brasil, o UFC (Ultimate Fighting Championship, uma das modalidades do MMA – artes marciais mistas), enfim, essas lutas, que na verdade são verdadeiros combates que deseducam a criança, o jovem e o adolescente, aliás, fomenta, é uma apologia à violência. Afora isso, qualquer modalidade esportiva é um grande espaço de formação de cidadãos, de exercício da cidadania. O bom jornalismo pode, na sua cobertura, sempre estar focando também esse lado educacional: principalmente os jovens, as crianças, os adolescentes, do exemplo que o esporte dá na formação do futuro cidadão.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Olha... pergunta bem legal... por exemplo, nos anos (19)90, nós, do jornalismo do interior, nós do rádio esportivo, enfim, tínhamos uma facilidade muito maior na cobertura dos eventos internacionais. Eu cobri, nos anos (19)90, duas copas do mundo, em parceria com a emissora local, de Campo Grande com a equipe do Sistema Globo de Rádio, a equipe do Osmar Santos, cuja cobertura tinha produtos: boletins, jornada esportiva, mas de lá, também, do evento, utilizando o canal da própria (rádio) Globo ou via LP (linha privada) – telefone, não era telefone celular ainda, havia a possibilidade de cobertura, no mínimo, dois ou três jornalistas de rádio aqui de Campo Grande (MS): eu, Rui Pimentel, Pereira Guedes, Pierre Adri – fazíamos cobertura de eventos internacionais – Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, enfim, Copa América de futebol. Houve uma transformação e uma dificuldade imensa: está muito mais difícil hoje para o rádio do interior do país (Brasil) em função dos direitos, dos custos e das dificuldades... a cobertura dos Jogos Olímpicos, por exemplo, eu cobri as Olimpíadas de Londres não credenciado oficialmente porque eu perdi o prazo... Para essas Olimpíadas aqui no Brasil, o meu credenciamento foi negado! Então, nós vamos, para a cobertura, buscar uma parceria com uma grande emissora, com uma rede nacional e tentar uma cobertura paralela, não credenciada, por exemplo, para focar os nossos atletas de Mato Grosso do Sul em diversas modalidades esportivas. Então, hoje, a atleta olímpica de Mato Grosso do Sul, vamos pegar a Talita Antunes, daqui, da cidade de Aquidauana, do Pantanal (sul-mato-grossense), nosso grande talento, olímpico, hoje, é ela, pelo Vôlei de Praia... e tentar relembrar outros atletas olímpicos que nós tivemos: Elenilson da Silva, que foi medalha de ouro nos Jogos Panamericanos de Winnipeg, no Canadá, em 1999-2000, se não me engano; ele deixou de correr e hoje mora na fronteira entre Brasil e Paraguai, na cidade Bela Vista. É tentar construir neste mundo olímpico, de atletas olímpicos, que estarão lá como a Talita e outros que já estiveram, como o nosso medalhista de ouro do hipismo, aqui da cidade de Tacuru, também fronteiriça com o Paraguai, que esteve na última olimpíada, em jogos panamericanos, com uma alta *performance*. Nós temos o Zequinha (José Luís) Barbosa, de Três Lagoas... com Andradina, (cidade que faz a) divisa com o estado de São Paulo, um atleta olímpico histórico nosso. Ou seja, no caso da nossa emissora (Rádio Cultura AM Campo Grande - MS), um ambiente olímpico com a equipe de esporte, para que, minimamente, em cadeia com alguma rede nacional, mostrar aos nossos ouvintes o que vai ser as olimpíadas (no Rio de Janeiro). Então, a nossa cobertura é nesse sentido. Agora, fica uma certa preocupação, cada vez mais, com esse país continental, com o tamanho que é o Brasil, que as coisas, “esportivamente” estejam acontecendo somente a nível de São Paulo e Rio (de Janeiro). Esse é um grave problema do nosso país: quem manda é São Paulo e Rio (de Janeiro)... o interior do país nem sempre, com algumas exceções, do (estados das regiões) nordeste, no sul, enfim... não só nessa pauta esportiva, mas de um modo geral. Nós somos reféns das grandes redes e da centralização das comunicações de São Paulo e Rio (de Janeiro)... então, ficamos um tanto preocupados: gostaríamos de estar lá, credenciados oficialmente; vamos ter que fazer uma “cobertura pirata”, como o meu mestre e guru Josino Theodoro (da Silva) dizia – quando não estamos credenciados, vamos, na base da pirataria, tentar suprir as informações para os nossos ouvintes.

* *Algumas considerações?*

Eu sempre digo, até porque dirijo e também dirigi e já lancei profissionais no mercado, uma frase comigo assim, para alguém que quer uma oportunidade no rádio, a primeira pergunta que eu faço é a seguinte: você ouve rádio? E que emissora de rádio que você ouve? Para mim, a grande escola do jornalismo esportivo, para aqueles que não tiveram oportunidade, como eu, de cursar uma faculdade de Comunicação Social é ouvir... ouvir os bons, as grandes emissoras de rádio, enfim. Então, a questão do improviso, eu lidei com uma facilidade tamanha por conta da minha paciência e do prazer que eu sempre tive de ouvir rádio. Sempre, desde a minha infância, o rádio foi uma tecnologia muito presente, nasci em uma fazenda aqui no interior do estado (MS) e o rádio sempre foi muito presente e, depois, na adolescência, na juventude. Quando me mudei para Campo Grande e comecei a trabalhar em rádio, na área de produção, na área comercial, eu trabalhei muito próximo, seria um jovem produtor na área do esporte: fazia reserva de hotéis para a equipe, comprava passagens... Varig, Vasp... fazia pedidos de linhas de transmissão pela Embratel... e acompanhava essa equipe cobrindo o Operário (Futebol Clube) e (Esporte Clube) Comercial de Campo Grande no Campeonato Brasileiro. Então, além de ouvir a minha emissora, eu também escutava muito as outras emissoras; e quando fui lidar com o improviso, para mim, a grande escola, como repórter de campo, foi a oportunidade ficar ao lado de grandes feras. Aquele campeonato brasileiro, dos anos (19)70 e (19)80... o campeonato nacional, que era mais justo – que era um calendário real e verdadeiro – inclusivo e não um calendário excludente, hoje, que a Globo, que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) impõe a todo esse país continental. Então, você tinha, um campeonato nacional, numa quarta-feira, o Comercial jogando em casa, no domingo, o Operário, sempre jogando (em casa) ou jogando fora. Então, o improviso à beira de campo, convivendo com grandes personalidades, eu tive verdadeiras aulas, com grandes profissionais do rádio esportivo de todo o Brasil, em que o improviso deles ia facilitando além daquela minha cultura auditiva, de ter sempre diante do fato, das jogadas, dos acontecimentos, a possibilidade de elaborar questionamentos e perguntas minimamente inteligentes e de interesse (público), até porque eu também joguei futebol, quando era jovem, futebol amador, futebol varzeano... então, a linguagem da bola, eu já tinha, por conta de toda essa vivência, então improvisar nessa área, foi muito prazeroso e não tive muitas dificuldades.

Eu vejo uma transição, o fechamento de um ciclo em São Paulo: tem toda uma escola que está sofrendo algumas agressões, algumas mudanças. E vejo, principalmente, na televisão o jornalismo esportivo um tanto quanto agressivo, em que as pessoas vão perdendo a isenção – o pessoal fica colocando o cronista, o jornalista com o time que torce e acho que isso não é legal, enfim... eu acho que a sua geração pode estar recuperando um pouco essa questão da isenção e ao mesmo tempo, estabelecer em São Paulo, a grande metrópole brasileira, um olhar: São Paulo precisa olhar para o Brasil. O que sobra lá, falta pelo país afora, em termos de calendário de futebol, de disseminação de propostas, de conceitos, dentro do próprio futebol – porque o Jornalismo Esportivo pode mudar isso que aí está, um Jornalismo Esportivo mais crítico, mais investigativo, com um olhar brasileiro e não apenas e tão somente São Paulo e Rio (de Janeiro) comandando tudo e esquecendo o resto.

**ENTREVISTA:** Prof. Dr. Pascoal Luiz Tambucci, professor do Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP). Realizada em 23 de março de 2016, no campus Cidade Universitária.

* *O que é jornalismo esportivo?*

Bem, o jornalismo esportivo, tem a preocupação de trabalhar notícias do esporte, e quando falamos desse assunto, também da própria modalidade esportiva: o que é, por exemplo, o futebol, o que é o voleibol, o que é o judô? O que tem por trás dessas modalidades, em que todas as modalidades olímpicas, mais de 40 modalidades que, de certa forma, podem suscitar interesses tanto do cidadão comum como daquele que se especializa em uma das áreas, que pode ser a Comunicação, pode ser a Educação Física, pode ser o Esporte ou com relação a uma empresa que está preocupada em promover atividades de entretenimento. Então, o jornalismo esportivo tem que abarcar muitas questões relacionadas ao esporte, de uma maneira geral, porque o esporte tem forte apelo. Hoje, diferente de umas duas ou três décadas, o esporte está muito marcado na cultura brasileira: hoje o cidadão comum tem muito mais chances de praticar uma atividade física ou um esporte predileto porque isso já está fazendo parte de nossa cultura; não que no passado não fizesse, mas agora está muito mais flexível, aberto, se encontram incentivos em diferentes lugares – e o jornalismo esportivo ele não deve apenas focar o esporte de rendimento, que são essas modalidades que ficam em evidência na mídia e que revelam grandes atletas e também grandes marcas que se apropriam do atleta para vender seus produtos – como também atender um esporte amador, educacional que atua na formação do cidadão comum. Quando se fala “esporte”, no caso do jornalismo esportivo, parece que há algo relacionado só mesmo àquilo que é o esporte, que é a competição, mas no fundo existem objetivos muito diferentes: o esporte pode ser praticado com objetivos de rendimento, que é vencer grandes campeonatos, como também pode ser praticado com a intenção de melhorar a qualidade de vida, da condição física ou até aumentar a disciplina no dia a dia, porque o esporte tem regras e uma série de características que favorecem. Então, dentro dessa explicação “jornalismo esportivo”, eu poderia resumir dizendo que o esporte tem forte apelo e em volta do esporte, existem inúmeras atividades que, de certa forma se espelham no esporte, como fazer uma atividade de recreação como uma ginástica. Não é esporte, mas indiretamente, quem vai fazer ou quem aprecia a ginástica, acaba entendendo que essa atividade leve a pessoa a viver um momento esportivo. Então, o jornalismo esportivo pode trabalhar não só o rendimento, que é aquilo que vemos na mídia, mas também pode trabalhar as atividades físicas e esportivas, que está muito mais próximo da sociedade de uma maneira geral.

* *Como está sendo desenvolvida a pauta olímpica no Brasil?*

Essa é uma resposta difícil. Eu vou tentar dar uma ideia daquilo que eu vejo, como se percebe ao se comparar o Brasil com outros países que tiveram oportunidade de sediar uma etapa dos jogos olímpicos, considerado como um dos eventos mais importantes do mundo, pela mobilização que se dá em relação aos cinco continentes, aos diferentes países, ao que propicia em relação à economia, à cultura de um país, porque a oportunidade de sediar faz com que o país se mostre e ao mesmo tempo, permite também que outras culturas venham ao Brasil, para partilhar características daqueles que vieram para apreciar a cultura brasileira, vieram assistir ao vivo a edição dos jogos olímpicos. Então, existem muitas contribuições que uma edição de jogos olímpicos traz para um determinado país. Muitas vezes, como já disse o renomado [Miquel de] Moragas [Spà], um professor [catalão] consagrado pela Europa e que também é jornalista, que “os jogos olímpicos, para muitos países, é a única oportunidade de se mostrar para o mundo”, em função da grande abrangência, da cobertura que se dá. Então, muitos países, por meio de suas cidades, se candidatam porque é uma oportunidade de mostrar a sua cultura, seu povo, suas características e muitas outras questões. Para fazer uma análise daquilo que o Brasil está fazendo, é preciso considerar, o que foi feito por outros países: alguns fizeram trabalhos que são marcantes, de forma positiva e, claro, sempre tem coisas negativas – e o Brasil também vai passar por isso. Então, algumas coisas são extremamente positivas e outras são negativas, mas isso faz parte do dia a dia de qualquer tipo de empreendimento, de qualquer tipo de evento, de qualquer tipo de situação do dia a dia e no Brasil sempre haverá essa questão. Eu sempre me lembro de um grande exemplo, que foi a edição dos Jogos de Barcelona [em 1992], que é considerada uma das mais importantes e uma das mais marcantes das edições da era moderna, desde 1896, porque a mobilização feita na Espanha, principalmente em Barcelona, foi tão grande que na realidade, o povo queria a edição dos jogos olímpicos – e isso não se vê aqui no Brasil. Deve-se respeitar, por exemplo, o tamanho do Brasil em relação à Espanha, a tradição do Brasil, com relação a eventos de grande repercussão: hoje, um dos eventos mais importantes talvez seja a Formula 1, que dá uma visibilidade muito grande para o país, mas o nosso Brasil ainda não tem uma tradição de fazer grandes eventos internacionais, como os países da Europa – fazer uma comparação não é fácil, mas vale a pena dizer que “o povo de Barcelona queria a realização dos jogos” e aqui, essa percepção pela mídia, pelos comunicadores, a partir daqueles que trabalham no sentido de promover os jogos no Brasil, ainda não está tão marcada neste momento do final do mês de março [de 2016] até se concretizar na realização marcada para [o mês de agosto]. Então, se percebe que em outros lugares, de acordo com a proximidade do evento, a sociedade já estava mobilizada, no sentido de aproveitar e falar sobre o evento, de ficar na expectativa da realização desse evento, de discutir da mesma maneira que se fala nos bares sobre uma partida de futebol; a ideia era que isso também estivesse acontecendo em relação às diferentes modalidades representada por atletas brasileiros – e nós temos muitos campeões, temos muitos valores, muita gente importante. Essa questão da receptividade do evento em si, ainda está a desejar, mas entendemos que com o tempo, isso irá se consolidar em função da própria característica do Brasil, pelas dimensões que ele tem. Então os jogos estão sendo noticiados, mas com muito pouca informação sobre infraestrutura, aspectos culturais do Brasil, que já poderiam ser trabalhados para vender uma imagem que, talvez, mostre mais os valores da cultura brasileira, a exemplo de outros países, isso permitiria que pessoas que tivessem expectativas de vir ao Brasil para assistir aos jogos, as informações sobre as cidades brasileiras com características marcantes, talvez isso incentivasse mais ainda a divulgação de forma internacional, mais abrangente pelos continentes, em outros países e, evidentemente, notícias mais positivas.

* *Algumas considerações?*

Eu entendo que há muitas questões que podem ser discutidas, abordadas, em relação a essa perspectiva. O que se percebe, ainda que falte uma conexão um pouco mais trabalhada entre as instituições do governo e aqueles que trabalham diretamente na realização da disseminação do esporte de uma maneira geral: lazer e atividades físicas. Hoje, temos um ministério dos Esportes e secretarias estaduais e, nos mais de 6.500 municípios, com a responsabilidade de promover e fortalecer os esportes, respeitando as limitações, com vista à promoção da atividade física, da atividade esportiva, a partir de um uso melhor do lazer. Ou seja, fazer com que a população participe mais dessas atividades, visando um benefício comum: uma melhor qualidade de vida para todos. Então, esse tipo de foco que está dentro das políticas públicas do país, precisa ser um pouco mais aprimorado, com sinergia: embora possamos ver muitas iniciativas e esforços em relação à promoção das atividades físicas e esportivas, que possa se concretizar a altura do que podemos trabalhar.